

Japão rebaixa crédito do Brasil

SÃO PAULO — A partir do meio-dia de hoje — zero hora do dia 1º no Japão — os bancos japoneses estão obrigados a contabilizar como perdas os juros não pagos pelo Brasil, no período de 1º de abril a 30 de setembro deste ano, o que deverá levá-los a encerrar o semestre com prejuízo ou lucro muito abaixo do esperado. “Isso irá prejudicar muito a credibilidade do Brasil junto a essas instituições”, declarou o vice-presidente do Banco de Tokyo no Brasil, Takamori Suzuki.

Entre executivos de bancos japoneses, a data está sendo chamada de *dia D*, tal a importância que tem para as empresas nas quais trabalham. Ao contrário dos bancos norte-americanos e europeus, que mantêm reservas sobre seus depósitos de respectivamente 35% e 50%, os bancos japoneses têm reservas de apenas 5%, o que os torna especialmente sensíveis a essas perdas.

A grande indagação é o que farão, agora, com a situação configurada. O vice-presidente do Banco de Tokyo,

maior credor japonês do Brasil, também não sabe: “vamos consultar as autoridades monetárias do Japão para ver como abordar a dificuldade”, afirmou Suzuki. É a primeira vez que os bancos são obrigados a contabilizar perdas com países soberanos capitalistas (o precedente é a Coreia do Norte, comunista, e não serve de parâmetro de comparação para o caso brasileiro), o que justifica as dúvidas.

Dinheiro novo e empréstimos de curto prazo se tornarão mais difíceis para o Brasil, a partir de agora, raciocina Suzuki. Ele faz essa avaliação baseado “na importância que empresários japoneses dão à questão da credibilidade”. Segundo ele, o fluxo de dinheiro novo deverá cessar e os empréstimos de curto prazo se tornarão mais caros (taxas de juros mais altas) e por prazos mais reduzidos (menos de 30 dias).

Dos 30 bilhões de dólares prometidos pelo Japão para ajuda aos países em desenvolvimento, em empréstimos de longo prazo, cerca de 40% estão comprometidos e o Brasil não está na lista dos

contemplados, afirma Suzuki. México e Argentina, segundo ele, figuram como beneficiários, devendo receber 1 bilhão de dólares cada. Para ele, “se houvesse um gesto de boa vontade dos negociadores brasileiros que estão em Washington a situação poderia ser modificada”.

Por gesto de boa vontade ele entende uma declaração do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, se comprometendo a realizar um pagamento simbólico dos juros. Dessa forma, os bancos japoneses poderiam lançar os débitos do Brasil na conta de juros a receber, evitando prejuízos no semestre. “Ainda estamos esperando algum resultado da reunião de Washington”, declarou.

O Japão tem cerca de 16 bilhões de dólares emprestados ao Brasil, dos quais cerca de 11 bilhões a médio e longo prazos e 5 a curto. “Estou torcendo para que o Brasil consiga arranjar formas de eliminar o impasse, mesmo que seja provisoriamente”, disse o vice-presidente do Banco de Tokyo, que tem mais de 1 bilhão 200 milhões de dólares emprestados ao Brasil.